

## Da paneleira à bonequeira: vida econômica, espaço doméstico e técnica da cerâmica em transformação no Jequitinhonha

**Reynaldo Moreira**



Pesquisador autônomo. Belo Horizonte [MG], Brasil.

Artigo originalmente publicado em 2007, pela Revista Labor & Engenho, ISSN:1891-1152, em papel.

### Resumo

Comunidades rurais caboclas conquistaram enormes extensões de terra no Brasil, preservando-se em algumas regiões, extinguindo-se em outras, seja em decorrência do avanço da grande economia envolvente, seja em virtude de dinâmicas internas. De certo, na constituição da técnica da cerâmica mais rudimentar existe um longo caminho de conhecimento inteligente e um conhecimento em transformação, na atualidade, em face dos novos desafios da arte figurativa. As comunidades de camponeses-ceramistas do vale do Jequitinhonha [Minas Gerais] sofrem com o progressivo abandono dos fogões a lenha e do vasilhame de barro, e sua gradual substituição, na cozinha sertaneja, por fôrmas, baixelas, panelas e fogões em metal, o que enseja a falência do ofício tradicional das paneleiras como também das bonequeiras da região, ou, quando não, sua transformação, concomitante à dos objetos que produz. É o que se pretende discutir neste Artigo.

### Palavras-chave

Jequitinhonha, cerâmica, arte figurativa, comunidades rurais, patrimônio rural, desenvolvimento local.

### Craftswomen from “crafts pots” to “crafts dolls”: the economy, domestic space and ceramics technics in changing at the Jequitinhonha region

### Abstract

Rural communities conquered large tracts of land in Brazil. In some regions it is preserved in others extinguished according the internal economic dynamics. Certainly, in the constitution of rudimentary technic of ceramics there is a long way of intelligent knowledge and expertise in transformation. The communities of peasants-ceramists from the Valley Jequitinhonha [Minas Gerais] are suffering with the abandonment of the traditional heritage. This is threatening the regional culture, specially the local craftswomen with their "crafts pots" and "crafts dolls". That is what we intend to discuss in this Article.

### Key-words

Jequitinhonha, ceramics, figurative art, rural communities, rural heritage, local development.

## Introdução

Antônio Cândido<sup>1</sup> definiu o bairro caipira como uma comunidade rural auto-sustentada, formada de pequenos produtores familiares, normalmente independentes, mas por vezes associados, para determinados fins sociais, em grupos de vizinhança e mantendo vínculos maiores ou menores com a sociedade global que tende a desagregá-lo, na medida em que difunde valores, instituições, modos de produção e relações de trabalho que lhe são de algum modo estranhos.

As comunidades rurais caboclas conquistaram enormes extensões de terra no Brasil, preservando-se em algumas regiões, extinguindo-se em outras, seja em decorrência do avanço da grande economia envolvente, seja em virtude de dinâmicas internas.

Muitos autores destacaram o caráter igualitário dos bairros rurais<sup>2</sup>. Também denunciaram a ingenuidade da tese do completo isolamento dessas comunidades camponesas em relação aos grandes ciclos econômicos que as circundaram no passado e ainda as circundam. A relativa fartura na lavoura, complementada por outros meios de pouco rendimento (extrativismo, artesanato, pequeno comércio, etc.), manteria os bairros ao nível da reprodução primária, com poucos recursos de acumulação, havendo, desse modo, uma rara ocorrência de diferenciações de fortuna e classe.

Os grupos camponeses tenderiam, assim, a uma espécie de estabilidade comunitária primitiva ou igualdade na escala da pequena produção. Enquanto não se extinguem ou se transformam pela ação direta ou indireta do que Darcy Ribeiro denominava *os grandes surtos econômicos da nação brasileira*, que imprimem com sua chegada um ritmo de mudanças acelerado, encontrariam poucos fatores internos capazes de engendrar os fenômenos de acumulação estratificadora e espoliação entre classes, típicos da sociedade que os envolve. A partir de recursos técnicos primários, de cunho físico, artesanal, de poucas necessidades de consumo e níveis básicos, limitados, de produção, e através de um mercado também restrito, a economia desses grupos tenderia a um equilíbrio de baixa produtividade.

Estudando a cidade de Cunha, no noroeste Paulista, cujas roças eram habitadas, até meados do século passado, por uma ampla população constituída na forma de grupos de vizinhança, estabelecida à margem da economia latifundiária e praticando uma agricultura e um artesanato familiar rústico, Emílio Willems<sup>3</sup>, em 1947, e Robert Shirley<sup>4</sup>, em 1965, observaram um período de grande instabilidade social devida,

<sup>1</sup> CANDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

<sup>2</sup> Dado o fraco desenvolvimento das forças produtivas, a precariedade dos instrumentos de trabalho, em geral relativamente acessíveis a todos, e o importante papel desempenhado pelas atividades complementares (agricultura, caça, extração), não se desenvolveram classes sociais específicas nesse tipo de economia camponesa (cf. DIEGUES, 1983, p.223). O sistema de colonização adotado e os contingentes nelas envolvidos determinaram, de início, uma igualdade de condições, (...) mas a urbanização e industrialização apenas iniciados vêm exercendo um papel de maior importância numa diferenciação social mais acentuada e uma estratificação mais nítida (cf. DOS SANTOS, 1962, pp. 93 e 95).

<sup>3</sup> WILLEMS, E. *Cunha: tradição e transição em uma Cultura Rural do Brasil*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1947.

<sup>4</sup> SHIRLEY, R.W. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

sobretudo, à dependência cada vez maior de trocas monetárias (...); quebra do isolamento geográfico (...); imigração de indivíduos portadores de elementos culturais divergentes; transição da lavoura para a criação de gado (...); importância crescente que valores econômicos adquirem em confronto com os valores não-econômicos, etc.<sup>5</sup>

Visitei Cunha três vezes, por períodos curtos de tempo. Um interessante estudo poderia amparar-se, passados trinta e cinco anos, naquele efetuado por Shirley, depois de Willems, em Cunha. Mas procuro regiões em que o confronto das economias nativa e industrial, guardadas as devidas proporções, seja tão agudo atualmente quanto o foi nas serras do nordeste paulista, há meio século.

E é assim que, desde 1996, tenho feito viagens anuais ao Jequitinhonha. Acabei por encontrar, na zona rural de diversos municípios da região, o campo apropriado para meus estudos, especialmente entre as comunidades de lavradores ceramistas do vale do rio Fanado.

Pergunto-me: com que meios, de que maneiras essa civilização que avançou sobre o Vale do Ribeira ou o *Sertão de Paraibuna*, entre 1940 e 70, hoje coloniza mais intensamente as comunidades de Cachoeira, Coqueiro Campo e Campo Alegre, no Fanado?

Nesses lugarejos, a eletricidade começou a ser implantada há menos de uma década, o que provoca um rápido processo de concentração urbana em torno dos pontos favorecidos pela energia. Aos poucos, a rede elétrica vai também se expandir para as roças adjacentes, produzindo mudanças que pretendo continuar estudando, já que, nos últimos dez anos, venho visitando periodicamente esses lugares, reunindo dados sobre sua situação atual que me servirão de parâmetro no estudo das transformações que estão em curso ou se anunciam.

De que forma a sensível redução do espaço físico (espaço de cultivo, trabalho doméstico e artesanato), resultante da transferência dos sítios do vale para os lotes recentemente urbanizados, além do uso dos benefícios mecânicos da eletricidade e da disseminação dos valores da cultura de massas, sobretudo através da televisão, correm a par com uma mudança radical de hábitos, um repúdio às formas de trabalho tradicionais na medida mesma em que aumentam as chances de experimentação de produtos, serviços e atitudes próprios de uma civilização estranha?

Tendo conversado até o momento com pessoas de todas as idades em inúmeras moradias, poucas informaram que a produção caseira foi ampliada, nos últimos anos, nos moldes artesanais: com raras exceções, as famílias locais tendem a abandonar aos poucos o trabalho, o modo de vida auto-sustentados.

Por outro lado, alguns dos que partem periodicamente costumam aplicar parte do que ganham nas metrópoles na melhoria de suas residências do Fanado. É curioso observar como algumas delas ainda contam com os velhos “luxos” (fogões a lenha,

---

<sup>5</sup> WILLEMS, Emilio. *Op. Cit.*, p. 169.

fornos de quitanda e de cerâmica, em adobe requintado) e já contam com os novos: arquitetura mais quadrada e estereotipada, porém mais ampla, que começa a assimilar o tijolo e o conforto do fogão a gás.

Ao nível do povoado, onde não existia há poucos anos senão a típica reuniãozinha de casebres em torno da venda, nascem vilarejos de feições e atividades semi-urbanas. Certo, a pavimentação das ruas e a construção da rede hidráulica ainda vai demorar. Na cidade, por seu lado, esses serviços se encontram em ritmo de expansão: a colonização dos íngrimes terrenos suburbanos de Minas Novas faz-se com casas de adobe onde ainda é preservada boa parte das técnicas de construção e rotinas da zona rural. Há dez anos, a parte dos dejetos domiciliares lançados a essas vielas abruptas, em pequenos veios laterais, sobre terra e capim, cheirava a vasilha de fogão a lenha lavada com sabão barato e orgânico e servia de pasto rico à galinhada: era a roça. Hoje a maioria está recapeada, os dejetos se tornaram invisíveis e inodoros. Quase na beira do Bonsucesso está o açougue onde o gadinho nativo é abatido e estripado quase a céu aberto, em meio ao entra e sai dos cães e da molecada. Também desaparecerá, e a atividade vai buscar, como as águas residuais, instalações mais disciplinadas e ocultas aos olhos do povo e aos agentes do caos. Essas ruas periféricas dissipam-se em trilhas e logo adentramos bosques de acesso livre onde ainda existe certa abundância de lenha. Sempre há alguém estalando os galhos para levar para casa, são raras as cercas ou não são muito guardadas. O centro velho ainda possui, nas ruas mais baixas, um pavimento de pedras planas que permite um trânsito razoável, corrente e suave, de carros e carroças. Porém, onde o tráfego aumenta, a maior parte desse piso já foi arrancado e substituído por blocos encaixáveis de cimento que a única indústria do município além de uma cerâmica de telhas e tijolos, a fábrica de pavimento da prefeitura, hoje produz em montanhas, para a glória de prefeitos eleitos e reeleitos.

De fato, a pavimentação moderna é fundamental ao trânsito crescente de motos, carros de passeio, carretas e ônibus pesados. Mas o sertanejo a cavalo vive nas trilhas, nas roças, um outro compasso. Quanto ao automóvel: dezenas de quebra-molas tentam “disciplinar” a máquina feita para ser afoita. Apesar disso, nos becos estreitos, nas ladeiras, quantas vezes vi os carros exagerarem na velocidade no estreito onde se apinham pedestres, cães e burros. Dois tempos sobrepostos: a lógica gluttona do veículo motorizado compete com a lógica dos mueres lentos, do diminuto pé a pé. Detalhe quase invisível dessa guerra: a presença ainda intensa do animal de carga constatada no trilho bem socado de excrementos que vai-se fazendo, em época de seca, no acostamento de asfalto da rodovia que vai para o sul, para Capelinha ou Diamantina.

Mas deixemos o cenário urbanizado e voltemos às roças. Os estudos que tenho efetuado no Fanado indicam que encontram-se ali, numa extensa rede de pequenos sitiantes, condições de igualdade econômica semelhantes às existentes nos bairros caipiras paulistas estudados há duas ou três décadas, guardadas as diferenças dignas de apreciação. Segundo Willems, em 1947 o prego era ainda um artigo de luxo nos andaimes de construções da zona urbana de Cunha e os calçados raramente eram vistos nos pés dos caboclos da cidade e do sertão, o que não é a realidade do atual Jequitinhonha onde quem possui os meios possui o acesso a esses e muitos outros produtos de origem industrial.

Até a década de setenta, os chapadões da região eram ocupados pelo cerrado nativo, que fornecia boa parte dos suprimentos necessários a cada família: madeira de diversas espécies e da melhor qualidade para esteios e lenha para fogões e fornos, caça, incluindo animais de certo porte, como veados, frutas, mel, ervas medicinais de todo tipo, cipós de amarração, etc. Além disso, a maior parte do gado era criado *à solta*, raramente existindo cercas entre os sítios de pequenos proprietários ou entre estes e vastas terras pertencentes a ninguém, afinal, construir e manter grandes cercados de arame custa caro. Ora, ao plantarem seus eucaliptos, a “reflorestadora” não teriam sequer aproveitado as madeiras da mata original. Tudo queimado. Os demais produtos também se foram com a mata. A água, que já não era muita, ficou ainda mais escassa, pois é sabido que a árvore de crescimento rápido, de origem australiana, resseca rapidamente os terrenos onde é plantado, sendo, até onde sei, utilizado para drenar áreas alagadas.

Perguntados sobre o motivo dos fazendeiros de gado, a partir de Araçuaí ou Francisco Badaró, nunca terem cobiçado a área onde vivem, respondem que é porque se constitui sobretudo de terras fracas<sup>6</sup>. Portanto, há pelo menos oitenta anos não se registra no local a influência direta dos fazendeiros, que, no entanto, pode ter acontecido em tempos mais remotos.

Sendo assim, no país sertanejo do Fanado, Capivari e Setúbal, cujas fronteiras ainda não conheço com precisão, mas que compreende grandes parcelas da zona rural de Capelinha, Turmalina, Minas Novas, Berilo, Chapada do Norte, etc., não parece ter-se constituído, nos anos sessenta e setenta, o panorama de relações tensas entre sitiantes, agregados e fazendeiros, tal como constatado por Margarida Moura em outras áreas do Jequitinhonha e mesmo em certos pontos dos municípios mencionados.

Por outro lado, tudo indica que esta vasta rede de bairros rurais, assim relativamente preservada de influências exógenas até em torno de 1970 e, em certa medida, até hoje, tem também muito poucas possibilidades de estratificação interna. Se algumas famílias possuem poucas cabeças de gado ou monopolizam pequenos meios de produção comercial tais como um pequeno engenho de cana ou o artesanato em cerâmica, não parecem obter com isso o suficiente para se diferenciarem essencialmente, em termos econômicos, de seus vizinhos. Os poucos que possuem dinheiro para empréstimo são aqueles casais mais velhos em que marido e mulher recebem mensalmente a pensão por aposentadoria. Mas quando chegam a emprestar dinheiro, é ainda sobretudo pelo espírito do *adjutório*. Sendo assim, observamos que não se reuniram nesses lugares as condições mínimas de estratificação, uma vez que o pouco capital acumulado ainda não é, normalmente, pensado como meio de espoliação.

Eunice Durhan, por seu lado, refletiu o processo de industrialização e urbanização na medida em que ele transforma a vida do camponês brasileiro, quebrando seu isolamento e dissolvendo as relações tradicionais de trabalho, propriedade e autoridade. Antes, contudo, de atrair definitivamente o lavrador, a metrópole

---

<sup>6</sup> *Só interessa à fazenda invadir situs de boa qualidade, além de apropriar-se de benfeitorias que sirvam à expansão da atividade pecuária. Não é passível de invasão a terra fraca.* (MOURA, 1988, p. 143).

industrial exerce nas zonas rurais pobres do interior uma influência maior ou menor, conforme o grau de isolamento em que se encontrem. A migração é, assim, apenas o ato final do processo, muitas vezes lento, de *desagregação social* em que o camponês vai-se envolvendo *a caminho da cidade*<sup>7</sup>.

Pouco acima das grotas chamadas de Coqueiro Campo, onde nasce, à borda da chapada, o Riacho do Palmital, está-se constituindo o Buriti. Estive nos últimos anos e estarei, nos próximos, investigando o processo de formação do povoado. Em 1997 os nativos ainda empregavam o nome sem muita familiaridade. Nasceu e está crescendo, como diversos outros na região, em função da chegada, em certos pontos da zona rural, da *força e luz*, privilégio que vem incentivando os sitiantes de em torno a concentrarem nesse ponto suas casas, mais ou menos ao modo citadino, passando a viver em terrenos muito mais reduzidos do que os de suas antigas moradias da roça e a experimentar as primeiras facilidades geradas pela eletricidade. Que outro modo de geração de força inumana é mais limpo, silencioso, fácil de lidar? Que outro aciona com todo automatismo um número ilimitado de funções em tese acessíveis? Pois então, que outra força poderia ser mais forte e subitamente alienadora em relação ao variado tipo de atividade horticultora e artesanal de que essas pessoas, ainda hoje, em sua maioria, dependem para sobreviver? Muitos ainda mantêm plantações e casas nos sítios, nas grotas, mas vão-se voltando mais e mais para a povoação.

Está existindo nesses lugares uma quebra muito brusca entre um e outro modo de vida, com consequências lamentáveis, que não deveriam passar despercebidas. No Buriti, Campo Alegre e outros desses novos núcleos urbanizados começa a ocorrer o que chamo de fenômeno de favelização, comum nos limites de uma boa parte das atuais cidades brasileiras, maiores ou menores. A transição é tão drástica que em alguns dos grandes lotes hoje ocupados no Buriti plantou-se mandioca, abacaxi ou outra cultura longa e resistente, bem ao modo dos sítios do vale; no entanto, sobre os canteiros (que em certas roças são limpos, se não exagero, como se do próprio chão da casa se tratasse) agora pode-se observar, entre uma e outra planta, todo tipo de dejetos industrial: papéis, grandes embalagens plásticas tipo “pet”, cacos de louça, vidro, etc. O lixo que em Coqueiro Campo e em outras comunidades rurais, vale abaixo, é juntado com cuidado, ao fim de cada dia, num canto do terreiro, para ser queimado em montinhos inofensivos, no Buriti, já “plugado” ao pior do mundo urbano, se integra ao conjunto de novos hábitos desleixados, causadores de uma infelicidade de que, em grande parte, sabia se poupar a velha civilização, ativa, altiva e sutil em muitos aspectos da vida cultural-material.

Apesar de tudo, as melhores casas dos pequenos agricultores do Fanado são em nossos dias um dos resultados talvez mais requintados da arquitetura cabocla brasileira. O que em outras áreas mesmo do vale, ou em outros setores do Setúbal, Capivari ou Itamarandiba, é um pau-a-pique a que não se adiciona nenhum adereço, no mais feito tão precário que em pouco tempo greta, derrete e desaba, em pontos do Fanado, devido aos mestres de obra que vão-se educando na construção civil de São Paulo, à influência de órgãos governamentais como a Sucam (que fez aqui um grande trabalho de combate ao Barbeiro na década de setenta), entre outros fatores,

<sup>7</sup> DURHAN, Eunice R. *A Caminho da Cidade, Perspectiva*, São Paulo, 1973.

começa-se a emprestar às casas uma feição mais traçada, simétrica, embora ainda muitas vezes no feitiço tradicional e ainda estruturadas com os gratuitos paus roliços da mata e tijolos de terra crus.

Asseguro que ninguém deixaria de se atentar, por exemplo, para a sofisticação artesanal que possuem as casas de Coqueiro Campo e Campo Alegre. O fogão a lenha faz parte da composição da parede, fundido a ela e da mesma cor, e como se quisessem mimetizá-los as zelosas mulheres do lugar mantêm fogão e paredes próximas invariável e impecavelmente caiados de barro branco. Os acessórios da casa estão sob telhados espalhados por terreiro amplo: aqui uma vasta sombra para bancos de prosa, ali a varanda do forno de quitandas, coberta para proteger as cozinheiras mais do forte sol do que da pouca chuva, de todo modo aberta e fresca para dispersar os fumos, acolá uma dispensinha ou pequeno paiol. O barreado que recobre os adobes é alisado com capricho e, quando seca, recebe a caiação de tabatinga a que as mais cuidadosas acrescentam, nas laterais baixas das casas, uma faixa de toá ou pó xadrez.

Talvez por terem preservado (e remodelado com inteligência) costumes muito antigos, relativos à construção de moradias, à agricultura de subsistência e ao artesanato familiar, esses lavradores sabem administrar mais sabiamente os poucos recursos que possuem do que certas populações cablocas de outras partes de Minas que conheço e que, embora muitas vezes mais favorecidas pela natureza, o são muito menos pela tradição.

Aquele que vem de Capelinha pela rodovia e quer alcançar os povoados de Campo Alegre e Buriti, a certa altura, deve tomar um caminho de terra atravessando a floresta de eucaliptos. Ao cabo de um labirinto de estradas retilíneas descortina-se a paisagem típica do vale: um núcleo de casinhas caboclas dispersas morro abaixo, resultado de uma terra mais e mais dividida com o passar das gerações. Elas primam pela simplicidade bem cuidada, pelo asseio e pelo frescor que exala do chão de terra batida ou cimento liso e das paredes bem caiadas.

A da bonequeira Deuzani é, nesse sentido, exemplar. Dois degraus dão acesso à sala de onde se abrem portas para os quartos, muito pouco mobiliados, e para a copa onde está o fogão a gás. Quando o vi, pela primeira vez, em abril de 1996, este espaço era, na verdade, o da cozinha onde a comida era inteiramente feita a lenha. Dela, passávamos para a varanda coberta e para o terreiro da parte de trás da casa onde encontrávamos: à esquerda, o poço, abandonado desde que a prefeitura fez construir uma caixa d'água comunitária; ao centro, um cômodo de meia parede onde estava a mesa de refeições, um fogão de adobe e, ao fundo, uma pequena dispensa, sem janelas; à direita, outros dois telhadinhos que abrigavam os fornos de quitanda e de cerâmica. Com os anos, a família reformou todo o telhado da moradia, estendeu a varanda do fundo ao longo da fachada lateral e, seguindo o exemplo de alguns vizinhos, reformou o banheiro, assentando azulejos e instalando pia e chuveiro com água encanada. A transferência da cozinha para o pátio externo, que então estava sendo processada, completou-se nos anos seguintes, pouco a pouco, seguindo uma tendência que depois observaria por toda parte. Trata-se de um requinte arquitetônico jamais pensado pelos mais velhos, a quem era indiferente o

fato da fumaça sujar os telhados e dispersar fuligem e odores fortes por quartos e salas. Novos hábitos, novas noções de higiene, novas disposições arquitetônicas.

Em julho de 1998, havia um tanque no meio do terreiro da panelreira Aparecida, em Cachoeira, do lado oposto do vale. O objeto não estava originalmente ao ar livre senão que fazia parte da velha cozinha de adobes, antes parte da casa, e então em processo de destacamento que, na minha visita do ano seguinte, vi completado. O forno de quitandas, no alto de um barranco próximo, como o tanque, seria posteriormente transferido para a parte traseira da nova varanda-cozinha exterior, de modo a tornar seu manejo mais prático. A facilidade com que se fazem tais mudanças, contando apenas com a mão-de-obra familiar, nos dá uma idéia do modo como ainda se faz presente, nesses lugares, o velho modo de fazer artesanal. O adobe permite essa plasticidade, o tijolo cozido e cimentado não. Com grande desenvoltura, cômodos e implementos são desmontados e remontados no espaço dos terreiros, conforme novas necessidades e novas idéias de conforto.

De volta a Coqueiro Campo, Dona Rosa, da velha geração, gosta de mostrar seu forno de cerâmica. Conta, orgulhosa, como o construiu sozinha, há cerca de trinta e cinco anos. É feito segundo o antigo modelo, com a câmara inferior, mais ampla, escavada no barranco e a superior, redonda e aberta no alto, composta inteiramente de adobes: típico forno, grande e mais rústico, de panelreira. Apesar de ficar exposto à chuva e sofrer continuamente o impacto das chamas, continua de pé depois de quase quatro décadas, embora exija constantes reparos. Dona Rosa é lúcida e muito inteligente e acrescenta que durante os primeiros anos de uso do forno, o vale onde estávamos, hoje em dia apenas semeado de árvores e tufos de mata incipientes dispersos em terreno árido, encontrava-se inteiramente envolto pelas sombras frescas da mata, assim como os chapadões que começam logo ali, morro acima. Para dar lugar aos eucaliptos foi posta abaixo a mata onde, bem perto e mesmo sem grandes estragos, apenas recolhendo os galhos e troncos mortos, podia-se encontrar toda a madeira necessária para o uso diário e queima de cerâmica. A partir de então os vizinhos, todos pequenos proprietários, em concorrência direta uns com os outros, teriam sido obrigados a consumir os recursos mais próximos que, obviamente, vão se esgotando.

Fruto do espírito prático ou plástico, a primeira criação em cerâmica queimada não resultou de uma arte simples, de evidente manuseio, e custou muito a ser desenvolvida, no *neolítico*.

*É no neolítico que se confirma o domínio, pelo homem, das grandes artes da civilização: olaria, tecelagem e domesticação de animais. Ninguém, hoje em dia, ousaria mais explicar essas imensas conquistas pela acumulação fortuita de uma série de achados feitos ao azar ou revelados pelo espetáculo passivamente apreciado de certos fenômenos naturais. Cada uma dessas técnicas supõe séculos de observação ativa e metódica, hipóteses ardilosas e controladas. (...) Para fazer de uma argila instável (...) uma olaria sólida (...) foi preciso, não duvidemos, uma atitude de espírito verdadeiramente científica, uma curiosidade assídua e sempre desperta, um apetite de conhecer pelo prazer de conhecer, porque uma pequena fração apenas das observações e das experiências (a respeito das quais é preciso bem supor que eram inspiradas, antes de mais nada*

e sobretudo, pelo gosto do saber) podiam dar resultados práticos e imediatamente utilizáveis<sup>8</sup>

Strauss usa os mitos de origem da cerâmica, entre outros elementos da cultura ameríndia, para demonstrar que o pensamento selvagem é empirista e classificador e, portanto, utiliza os mesmos procedimentos do pensamento científico.

De certo, na constituição da técnica da cerâmica mais rudimentar existe um longo caminho de conhecimento inteligente e um conhecimento em transformação, na atualidade, em face dos novos desafios da arte figurativa.

Existe um impasse em que se encontraram, no passado, e se encontram, no presente, inúmeras comunidades de camponeses-ceramistas do interior do Brasil: o progressivo abandono dos fogões a lenha e do vasilhame de barro, e sua gradual substituição, na cozinha sertaneja, por fôrmas, baixelas, panelas e fogões em metal, enseja a falência do ofício tradicional da paneleira, quando não sua transformação, concomitante à dos objetos que produz.

Há cerca de trinta anos, entidades como a *Mãos de Minas* e a *Codevale*, além de comerciantes autônomos, incentivaram algumas paneleiras do Jequitinhonha a produzirem não utilitários. Não fosse esse impulso, mínimo e, no entanto, de enormes consequências, as mulheres mais velhas não teriam dado novo curso aos modos tradicionais de fazer, algumas já teriam deixado de produzir seus potes, panelas e moringas, em função de um mercado crescentemente limitado, e suas filhas tampouco ter-se-iam interessado em aprender com elas, como, no entanto, muitas vezes desde então aconteceu.

Os estudos de mitologia nos fornecem uma imagem complexa e fascinante do mundo simbólico associado a certos mitos da criação, como meio de modelagem e transição entre o mundo celeste (ar-fogo) e o ctoniano (terra-água-magma)<sup>9</sup>. Sabemos por Claude Lévi-Strauss que a cerâmica, com a confecção de tecidos e a domesticação de plantas e animais, constitui uma das três artes da civilização. Poderíamos dizer que ela é também uma das primeiras, senão a primeira das artes industriais, uma vez que a tecelagem e a domesticação, embora transcendam a simples coleta e suponham um manejo menos imediato do mundo natural, ainda não empregam uma energia não humana, exterior às forças do próprio corpo e que as potencializa, como é o caso do fogo.

Um bom exemplo de como também a bonequeira vem operando conforme essa *ciência do concreto* de que fala Strauss é o processo de desenvolvimento da técnica do *engobe*. Os *oleios* do Fanado ou as *águas-de-barro* em Santana do Araçuaí são simples óxidos ou terras coloridas, de natureza argilosa, que as bonequeiras vêm descobrindo, aos poucos, entre tantas testadas e recusadas. Após passarem por uma depuração que separa a essência pastosa do mínimo grão de areia, são aplicados sobre as bonecas cruas, ao modo de *engobes naturais* que se fixam pela ação do fogo, auxiliando na impermeabilização e permitindo a limpeza cotidiana do objeto sem danos à tintura.

<sup>8</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1980, pp. 27-28. (T. do A.).

<sup>9</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. Lisboa: Edições 70, 1987.

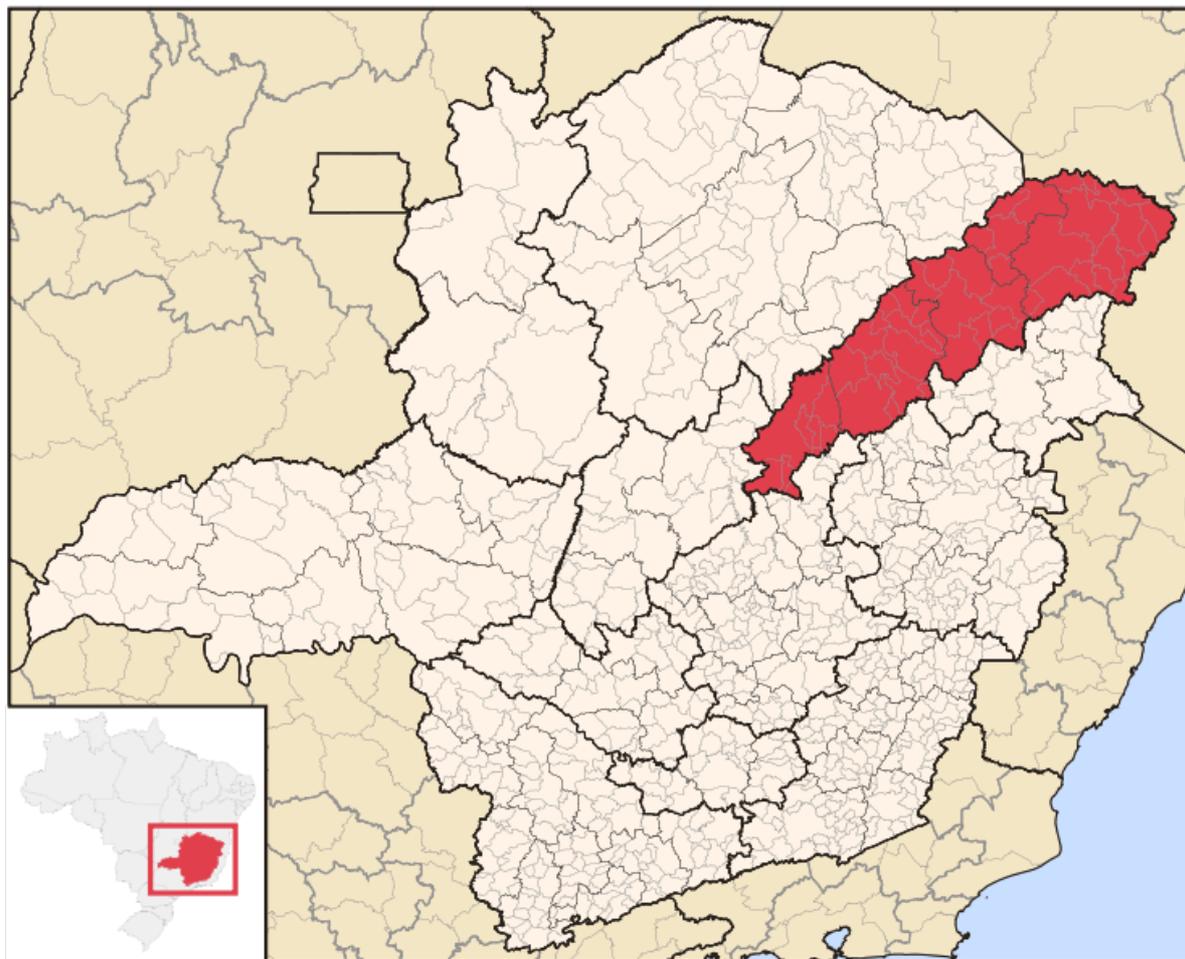
Decantados ou fervidos até atingirem a consistência de um óleo fino; em seguida, sobrepostos à cerâmica em ponto determinado da secagem e, finalmente, bem polidos pela fricção de um pano úmido, adquirem mais e mais brilho em busca do que poderíamos denominar *o ideal da porcelana*. Os corantes mais fortemente lustrados são os de Santana do Araçuaí, de tons mais variados, e aqueles, de Carai, os de aspecto mais fosco do Jequitinhonha, apenas nas duas cores básicas, por todo lado encontradas, o vermelho do óxido de ferro e o branco da própria argila de modelagem.

Um outro desenvolvimento interessante diz respeito à adaptação dos *forninhos caipiras* às necessidades da *bonequeira*.

Deuzani, que se diz a primeira a testar a técnica, há cerca de seis anos, afirma que o forno da panelreira, cuja câmara inferior era escavada no chão e a superior, onde vão as peças, era feita em adobe, se torna mais econômico desde que as duas câmaras são colocadas fora da terra. Acredita que, se comparado, o novo método reduz o gasto de lenha porque o forno antigo, metade afundado no barranco, custa normalmente mais para esquentar, porque demora a ganhar calor, sobretudo em tempo frio ou chuvoso. Deve estar certa, pois observo que a prática tem-se disseminado.

A realidade é que, por todo o Jequitinhonha, testemunhei uma atividade em aperfeiçoamento: procura de barros mais finos para modelagem de objetos figurativos, de novos corantes, reformulação dos fornos e dos processos de queima, etc. Ulisses de Itinga, que se imagine, vai testando e classificando diversas espécies de madeiras que, lançadas ao fogo ao final da queima, emprestam às peças tonalidades específicas que ele afirma perseguir para fins determinados, conforme a fornada.

O uso de tais recursos plásticos não foi uma exigência da arte da panelreira, estável e mais estrita em seus objetivos e procedimentos: grosso modo, o equipamento utilizado e os modelos de peças são semelhantes, em extenso território, prestando-se a idênticas utilidades. Já a arte figurativa fez surgir uma produção individual que obrigou as ceramistas a experimentarem uma série de novidades: fazem fornos conforme o tamanho e a frequência de cada produção (e são os mais diversos), procuram-se alternativas e misturas de engobe, testam-se modelos segundo a lógica, que se vai estudando, do comprador, em suma, estamos num período de muitos testes e de individuação da técnica e da estética interessante de ser pesquisado.



**Figura 1.** Mapa do estado de Minas Gerais com destaque para a Meso-região do Jequitinhonha. Abaixo e à esquerda, mapa do estado de Minas Gerais em relação ao mapa político do Brasil. Fonte: Wikipédia. Disponível em: <[http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:MinasGerais\\_Meso\\_Jequitinhonha.svg](http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:MinasGerais_Meso_Jequitinhonha.svg)>. Imagem incorporada ao Artigo pelo Editor-chefe da Revista Labor & Engenho especialmente para esta edição.



Dona Izabel, ceramista, “paneleira” do Jequitinhonha, “ficou internacionalmente conhecida quando, em 2004, ganhou o prêmio Unesco de artesanato, concorrendo com produções de toda a América Latina e Caribe. O trabalho de Dona Izabel consiste em adaptar *moringas de barro* a corpos de mulheres, formando bonecas que se tornaram o cartão postal da região mineira. Da mesma forma que Ouro Preto tem suas *namoradeiras*, o Jequitinhonha tem suas *noivas*, incorporadas à cultura popular” (cf. Priscila Armani, In: Opperaa Mondo Cult Magazine / artes Visuais). <[www.opperaa.com](http://www.opperaa.com)>.

**Figura 2.** “Dona Izabel, bonequeira do Jequitinhonha realiza mostra individual na Galeria Estação” [por] Priscila Armani. Disponível em: <<http://www.opperaa.com/175-dona-izabel-bonequeira-do-jequitinhonha-realiza-mostra-individual-na-galeria-estaco.html>>. Imagem incorporada ao Artigo pelo Editor-chefe da Revista Labor & Engenho especialmente para esta edição.

## Referências

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

DOS SANTOS, Úrsula Alberheim. **Uma comunidade teuto-brasileira**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1962.

DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MOURA, Margarida Maria. **Os deserdados da terra**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SHIRLEY, Robert W. **O fim de uma tradição**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LÉVI-STRAUSS. Claude. **La pensée sauvage**. Paris: Plon, 1980.

\_\_\_\_\_. **A oleira ciumenta**. Lisboa: Edições 70, 1987.

WILLEMS, Emílio. **Cunha: tradição e transição em uma Cultura Rural do Brasil**, São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1947.